

TOM PUGH

OS PILARES
DO CÉU

Tradução de
Ana Mendes Lopes

alma
dos livros

NOTA HISTÓRICA

No início do século xv, a vida na Europa Ocidental – embora por vezes curta e imprevisível – era também sustentada por um sistema de crenças que se manteve inalterado durante milhares de anos; esta situação persistiu desde que o cristianismo se tornou na religião oficial do Império Romano e deu início à destruição sistemática dos trabalhos de autores pré-cristãos.

O longo monopólio da Igreja sobre o conhecimento foi apenas quebrado na primeira metade do século xv, quando se redescobriu os trabalhos de Lucrecio e Platão (em 1417 e 1438, respetivamente). As ideias contidas nas obras destes dois autores desempenharam um papel fundamental na libertação de uma espantosa onda de pensamento novo conhecida como a Renascença (ou o Renascimento), que conduziu ao colapso da visão do mundo promovida e refinada pela Igreja Cristã durante o milénio anterior.

Em *A Biblioteca dos Livros Proibidos*, Longstaff, Aurélie e Durant tentam descobrir a localização de uma coleção há muito esquecida de milhares de trabalhos da Antiguidade, numa altura em que a primeira onda de entusiasmo que surgiu com a redescoberta dos trabalhos de Lucrecio e Platão começava a esmorecer. O que brevemente fora uma batalha entre as pessoas que acreditavam na supremacia da Revelação (a palavra de Deus) *versus* as pessoas que acreditavam na supremacia da razão (a inteligência do homem) tornou-se então numa batalha entre duas interpretações opostas da palavra de Deus: a da Igreja «Católica» Cristã contra as várias

igrejas luteranas, ou igrejas «reformadas» cristãs. A janela aberta por Platão e Lucrécio estava a ser firmemente fechada por uma série de líderes civis e religiosos dispostos a tomar medidas cada vez mais violentas contra qualquer ameaça à sua autoridade.

Uma descrição breve do «Massacre de Wassy» ajudará a clarificar a situação: sob o reinado de Henrique II, os seguidores da Igreja Reformista em França (também conhecidos por huguenotes) enfrentaram a perseguição do rei. Depois da morte de Henrique II, a viúva (Catarina de Médicis) tentou acabar com esta perseguição e criar condições para uma coexistência pacífica. As tréguas frágeis foram quebradas a 1 de março de 1562 por Francisco, duque de Guise, quando encontrou uma grande congregação de huguenotes em Wassy. O que aconteceu ainda hoje é motivo de controvérsia, mas acabou com Francisco a ordenar que os seus homens trancassem um celeiro onde os huguenotes se reuniam para celebrar a missa e a incendiá-lo, provocando a morte de sessenta e três homens desarmados, mulheres e crianças. A partir deste ponto, pelo menos em França, deixou de existir qualquer espaço para cedências entre ambas as versões do cristianismo.

Os acontecimentos relatados em *Os Pilares do Céu* decorreram em 1565, três anos após o Massacre de Wassy e sete anos depois de Isabel I ter sido coroada rainha de Inglaterra.

No início, a Europa católica não demonstrou muita preocupação com a súbita aparição de uma monarca protestante no trono de Inglaterra. Talvez porque nenhum dos dois irmãos de Isabel I tenha resistido mais do que um par de anos, e mesmo que provasse ser mais resistente do que o irmão, Eduardo, ou a irmã, Maria, continuava a ser olhada como uma simples mulher. Presumia-se que os acontecimentos da época a fizessem curvar-se, a deixar-se coagir ou a casar-se com alguém pertencente à verdadeira fé.

Porém, à medida que os meses se transformaram em anos, os governantes da Europa católica começaram a ficar impacientes.

Individualmente ou em conjunto, e com variados graus de entusiasmo, o rei Filipe de Espanha, o papa e a poderosa família Guise em França, sentiam-se cada vez mais inclinados a interferir na queda de Isabel I. Os motivos não eram apenas religiosos: a Inglaterra de Isabel era uma ameaça ao domínio espanhol do Atlântico e um espinho cravado em Filipe de Espanha, que procurava acabar com as rebeliões nos países subjulgados, enquanto para a família Guise, liderada por Carlos, cardeal de Lorraine, o prémio era potencialmente superior: a sua sobrinha – Maria, rainha dos escoceses – era a primeira na linha de sucessão ao trono inglês.

Os conspiradores no continente também foram encorajados pelas divisões que singravam na corte inglesa. Em onze anos, o país vira quatro monarcas, e durante esse tempo a religião do Estado mudou de algo inventado por Henrique VIII para algo parecido com o luteranismo sob a alçada do seu filho Eduardo VI, e novamente para o catolicismo com a rainha Maria – «Bloody Mary» –, antes de Isabel I ter recomeçado onde o pai ficara, com uma espécie de protestantismo feito à medida. Os reinados curtos de Eduardo e Maria fizeram com que estas alterações se sucedessem a uma velocidade estonteante, com o resultado de cada homem e mulher ingleses com alguma relevância social terem sido obrigados a renunciar à verdadeira crença – todos eram considerados mentirosos, por outras palavras: ou mentiam agora ou tinham mentido no passado recente.

Numa conjuntura como esta, não surpreendia que a corte de Isabel I se encontrasse inundada de medo e desconfiança. As duas fações principais (formadas por pequenos grupos) eram lideradas por Robert Dudley – o conde de Leicester e amigo de infância de Isabel I que, não obstante, passara a juventude ao serviço do rei Filipe de Espanha, na tentativa de provar a sua lealdade para com a irmã mais velha – e William Cecil e Nicholas Bacon – agora dedicados protestantes que ainda assim prestavam vassalagem a Maria, enquanto muitos dos seus companheiros de religião preferiram o exílio autoimposto no continente.

DRAMATIS PERSONAE

Matthew e Aurélie Longstaff, *marido e mulher, vivem em Martlesham em Suffolk.*

Gaetan e Laure Durant, *pai e filha, vivem em Paris.*

Em Inglaterra

Sir Nicholas Bacon, *lorde chanceler da Inglaterra*

Anne Bacon, *sua mulher e tradutora da Apologie of the Anglican Church, de John Jewel*

Anthony e Francis Bacon, *seus filhos*

Francis Walsingham, *membro do parlamento por Lyme Regis, em Dorset (posteriormente secretário principal de Isabel I)*

William Cecil (mais tarde Lorde Burghley), *secretário de Estado e conselheiro principal de Isabel I*

Thomas Howard, *duque de Norfolk*

Robert Dudley, *conde de Leicester*

John Dee, *matemático, astrólogo e filósofo, suspeito de necromancia*

Em França

Sir Nicholas Throckmorton, *embaixador inglês na corte francesa*

Horatio Palavicino, *mercador inglês sediado em Bordéus*

Catarina de Médicis, *viúva de Henrique II, regente francesa, até o seu filho, Carlos IX, atingir a maioridade em 1563*

Michel de Nostradamus, *físico, astrólogo e o mais famoso profeta francês*

Os Guise

Charles, *cardeal de Lorraine*

François, *duque de Guise (falecido)*

Henrique (XVI), *seu filho e sucessor*

Maria, rainha dos escoceses, *prima de Henrique e próxima na linha de sucessão do trono inglês*

A viúva duquesa de Guise, nascida Antoinette de Bourbon, *viúva de Claude, mãe de François e Charles*

Capítulo Um

PARIS, FRANÇA, 6 DE JANEIRO DE 1565

Na taberna, ninguém vacilou ao ouvir o disparar distante de um mosquete. O som tornara-se tão comum que Paris podia ser uma cidade situada na fronteira entre as Terras da Cristandade e o Império Muçulmano.

Gaetan Durant olhou em redor para a deplorável coleção de clientes – pequenos criminosos, pedintes, prostitutas –, a escumalha desta cidade monstruosa. Eram os mesmos rostos que via sempre que visitava *La Tête du Sarrasin*, mas naquela noite estavam tão estranhamente quietos que quase podiam ser fantasmas. Era a sexta noite de janeiro, a noite de celebração dupla: do Dia de Reis e a Festa dos Loucos. No ano anterior por esta altura, pouco depois de Durant chegar à capital, havia uma fogueira em Les Halles, um poste de danças na Capela Braques e um mistério encenado no Palácio da Justiça, todos anunciados ao som das trompetas dos soldados do Provost, com os respetivos fatos de chamalote cor de malva. Este ano, os mesmos homens estavam vestidos em couro ensopado em sangue, as trompetas foram trocadas por espadas enquanto lutavam para controlar a violência. As pessoas decentes escondiam-se debaixo da cama, as cadeiras e as mesas empilhavam-se contra as portas, enquanto algumas das indecentes, as que não queriam escolher um lado, se aninhavam aqui nesta taberna.

Durant gesticulou para o baralho de cartas, pousado com as figuras para baixo no tampo mascarrado e marcado da mesa. O cabo de punhal curto comprimia-lhe as costelas por baixo do gibão preto.

– Onde íamos mesmo, cavalheiros?

Lecornu, à sua direita, era um homem magro com cabelo escorrido e nariz fino que usava um lenço enfunado ao pescoço que se assemelhava remotamente a um folho. A sua voz era um gemido irritante.

– O rei devia estar em Paris. Se o pai não o tivesse amarrado a uma cabra estrangeira, ele estaria aqui a cumprir o seu dever.

Nas mesas mais próximas, a conversa extinguiu-se. Lecornu parecia deliciado, como se fosse a sua afirmação atrevida, e não a associação com a poderosa família Guise, o que lhe proporcionava segurança. Durant serviu-se de mais vinho. A taberna fedia mais do que uma estrumeira. Na rua estava um gelo, mas ali dentro fazia um calor tremendo. O taberneiro tapara as janelas com tábuas para impedir que a luz da lareira fizesse as suas danças traiçoeiras nos vidros. Gotas de suor escorriam pelo pescoço dos fregueses, e as paredes sob o teto embaulado estavam húmidas.

Durant sentiu vontade de se levantar, de pegar no manto negro pousado sobre a cadeira e de dar as boas-noites aos companheiros, mas a vontade passou rapidamente quando pensou na sua casa. Por estar fechada nos últimos dias, a filha, Laure, não ia decerto mostrar-se bem-disposta. Durant fechou os olhos. Era um médico experiente, apesar de nunca ter integrado a Ordem. Vivia há um ano na capital, tinha um consultório confortável, os seus honorários eram razoáveis – e no entanto ali estava ele, a fazer equipa com um talhante para ganhar dinheiro na batota de cartas.

Durant girou entre os dedos compridos as cartas baratas, pintadas com carimbos, fazendo-as saltar e dançar. Manu resfolegou. Havia qualquer coisa que parecia tão honesta na barba grossa e no colete de couro do talhante, manchado com o sangue característico na sua profissão. Os dois homens raramente falavam, e um

observador podia pensar até que eram rivais. Durant juntou as cartas num monte apurado e começou a distribuí-las. O alvo do jogo, Lecornu, olhou para a mão que recebera e pareceu satisfeito. Era um jogador miserável, que apostava sempre o mínimo a não ser que tivesse uma mão invencível. Durant e Manu já estavam há uma hora a jogar com ele e não tinham mais que meia dúzia de tostões para mostrar como ganhos. Manu tocou no maxilar – estava na altura de deixar o informador dos Guise ganhar uma partida. Não demasiado; queriam que Lecornu se arrependesse da sua cautela inata.

Entregou o jogo depois de uma única ronda de apostas, antes mesmo de compensar as perdas anteriores. Ainda assim, o informador varreu os ganhos para o colo, com um sorriso de satisfação. Durant voltou a dar. Uma empregada da taberna passou pela mesa dos jogadores, com o rosto maquilhado para disfarçar o lábio leporino. Lecornu agarrou-lhe no pulso.

– O vosso estabelecimento tem o encanto de uma morgue – disse ele erguendo a voz –, pensei que era um local de entretenimento.

A rapariga era apenas um ou dois anos mais nova do que a filha de Durant. Olhou na direção do balcão. O taberneiro encolheu os ombros, com os braços cruzados sobre o peito largo.

– Ouviste o que o homem disse.

Ela deixou cair a cabeça, o rosto escondido pelo cabelo comprido enquanto subia para a mesa. Manu tirou as cartas de baixo dos pés da rapariga e Lecornu desatou a aplaudir lentamente; meia dúzia de mesas seguiu o seu ritmo. A rapariga levantou os braços finos. Quando as suas ancas já ondulavam, a multidão soltou um rugido embriagado em sinal de aprovação. Ato contínuo, ela começou a girar, cada vez mais rápido, a luz da lareira refletida pelos ombros despidos, pelo corpete liso. As pernas esguias apareciam fugazmente sob as saias esvoaçantes. O cabelo negro rodopiava ao ritmo das palmas, os olhos estavam fechados e a ponta da língua aparecia sob a falha do lábio.

Durant ouvia-a respirar, escutava o arrastar dos sapatos suaves

em cima da mesa, e o seu estômago contorceu-se com o cheiro da libertinagem. Só o taberneiro parecia imune, encostado a um busto barato de São Girão – o seu poleiro habitual, onde contava a história de um avô antepassado, que regressara das cruzadas com uma cabeça decepada, que trocou pela propriedade daquela taberna.

Mas os parisienses já não estavam em guerra com os turcos. Naqueles tempos, na escuridão das ruas da cidade, a guerra era entre cristãos. Grupos rivais aterrorizavam as províncias há anos, matando, pilhando e violando. As milícias católicas inventavam novas torturas para os huguenotes calvinistas, que se vingavam nos sacerdotes, frades e freiras. O rei-menino, Carlos IX, partira numa *tourné* de dois anos pelo país com a mãe, Catarina de Médicis. Queriam sarar feridas, mas o povo limitava-se a olhar para eles boquiaberto, a resmungar pela despesa que criavam, e assim que a caravana real passava, voltavam à matança. Agora, o mesmo cancro que infetara as províncias alastrava lentamente pelas ruas da capital.

Os pés da dançarina juntaram-se. A rapariga atirou a cabeça para trás, com os olhos negros a brilhar de orgulho e desafio.

Sentiram-se então passos fortes a troar na rua, tão fortes que o chão de madeira abanou. Os clientes ficaram em silêncio, fitaram o copo enquanto as botas de couro retumbavam nas pedras geladas. Quem estava ali? Os lacaios leais ao duque de Guise? Uma multidão às ordens de Montmorency? Ouvir-se-iam gritos de *Vive la messe* ou de *Vive l'admiral*? Seriam bestas católicas ou animais huguenotes?

Passaram-se cinco segundos. Durant viu Manu a morder o lábio inferior, e a seguir franziu o sobrolho. Ouviu-se uma batida na porta. Três batidas. Uma pausa. Mais duas batidas. O taberneiro desapareceu por trás da cortina e regressou com um homem de colete justo castanho-escuro.

– Os Guise fugiram da cidade!

Durant olhou de relance para Lecornu. O informador não

parecia preocupado que os seus patrocinadores tivessem cedido tão antes dos rivais. Os olhos minúsculos de Lecornu viajaram de rosto em rosto, tomando cuidadosa atenção à reação de cada homem.

Durant bebeu um longo gole de vinho, antes de acrescentar duas moedas à pilha.

– Lecornu?

– A culpa é daquela bruxa Médicis. – O informador pegou noutra moeda de prata.

– Mas se nem sequer está em Paris.

Lecornu assentiu com a cabeça, como se Durant tivesse acabado de confirmar a sua teoria.

– Esta ideia da caravana real não passa de desculpa para ela sair daqui e prostrar-se perante o seu feiticeiro de estimação...

– Por amor de Deus, Lecornu – interrompeu o talhante –, não o deixem começar de novo a falar de Nostradamus!

Durant sorriu.

– Já o disse e repito, Michel de Nostradamus é apenas um velhote inofensivo...

– Que venera a morte. – Lecornu olhou de lado para Durant, antes de juntar outra moeda de prata ao monte.

Durant igualou a aposta. Vira o sinal de Manu – Lecornu aproveitara a distração da rapariga a dançar para melhorar a mão com uma carta que tirou da manga. Mas Durant podia entrar nesse jogo.

– Também metade das freiras de França o fazem.

Os olhos de Lecornu arregalaram-se. Persignou-se antes de aumentar novamente a aposta.

– Dizem que está a construir um túmulo para si próprio. E é isso que Catarina quer ver.

– Não passam de mexericos.

– A verdade é que Nostradamus previu a morte do último rei – disse Manu, tentando estabelecer uma trégua; Lecornu era desprezível, mas não convinha irritá-lo, sobretudo com os

conhecimentos que tinha. – Ainda me lembro das palavras da profecia: *O jovem leão vencerá o ancião, No campo de combate, numa única batalha; Perfurará os seus olhos através de uma jaula dourada, Duas feridas tornar-se-ão numa e então morrerá uma morte cruel.*

– É demasiado exagerado e rebuscado – comentou Durant. – Não passa de um velho homem desesperado por acreditar que consegue ver o futuro. Michel não tem poderes especiais, vão por mim, conheço-o pessoalmente.

Lecornu dirigiu-lhe um olhar de estranheza.

– Pois, já o referi, mas Henrique foi morto numa justa por um cavaleiro mais novo.

– Que lhe furou um olho – acrescentou Manu –, através da frincha do elmo dourado. Demorou onze dias a morrer.

– E ambos os homens tinham leões nos respetivos escudos – respondeu Durant, sarcástico. Olhou para Manu com um descontentamento indisfarçável. – Também você?

– Nostradamus está mancomunado com o Diabo – declarou Lecornu, batendo com um indicador no tampo da mesa.

– É um charlatão – afirmou Durant. – Os velhos são sempre suplantados pelos mais novos, e todas as mortes são cruéis. Até *eu* podia escrever os seus poemas; não haveria em toda a França homem, mulher ou criança que desse pela diferença.

Pousou as cartas em cima da mesa, viradas para cima, e fixou os olhos em Lecornu. O informador fitou-o incrédulo. Durant percebeu de imediato que fora imprudente, mas a ocasião era demasiado boa para deixar passar – e Laure ficaria satisfeita. Guardou os ganhos na bolsa e levantou-se, as pernas da cadeira a desenhar duas linhas direitas no serrim que forrava o chão.

– Vai sair? – perguntou Manu. – Com a agitação que se regista nas ruas...

Durant colocou o manto escuro sobre as costas.

– Ouviu o que o homem disse; os Guise fugiram. – Fez sinal ao taberneiro para que lhe abrisse a porta e o deixasse sair para o ar fresco da noite.

– Vá com cuidado, doutor.

Durant estremeceu na rua gelada. *Vá com cuidado, doutor.* Esta frase simples há muito que adquirira um travo amargo. As revoltas encaminharam para si alguns pacientes – era trabalho de cirurgião de guerra; tinha uma clientela regular de jornalheiros e pequenos artesãos com queimaduras e ossos partidos, facadas e articulações deslocadas –, mas não era o suficiente para construir a vida respeitável que prometera a Laure.

Durant puxou o manto para junto do corpo, para esconder a gola da camisa. A rua parecia sossegada – não se ouvia o som pesado de passos nem palavras de ordem gritadas –, mas mesmo assim caminhava suavemente, tentando abafar o som dos passos. Demorara semanas até conseguir orientar-se através do labirinto de vielas, cruzamentos e becos sem saída que pareciam uma meada de fios emaranhados. Relutante em dirigir-se para casa, Durant encaminhou-se para uma velha torre que fazia lembrar o velho muro de Filipe-Augusto, baixou-se sob as tábuas da entrada e subiu a escadaria estreita. Quando chegou ao topo, transpirava; a cidade adormecida estendia-se à sua frente, um monstruoso gigante com chaminés, pontes, praças, espirais e torres de sinos.

Fechou os olhos e recordou o incêndio que consumira milhares e milhares de livros escondidos na biblioteca esquecida por baixo de Nápoles. Custava-lhe a acreditar que se tinham passado apenas dois anos e meio desde que fugira dos destroços incandescentes com Matthew Longstaff e Aurélie. Sorriu ao pensar nos dois amigos; o soldado inglês exilado e a jovem rapariga florentina criada e educada por Giacomo Vescosi, considerado por muitos um dos estudiosos humanistas mais proeminente da Europa. Os três haviam formado uma equipa formidável, derrotando o mestre do Palácio Sagrado e os autoproclamados Cães do Senhor, e preservando pelo menos um texto da biblioteca em chamas – *Sobre a Liberdade*, do filósofo grego Epicuro. Longstaff e Aurélie entregaram o livro ao seu patrono, o lorde magistrado inglês, Sir Nicholas Bacon. Desde então, Durant não voltara a ter notícias

do texto, mas ainda recordava a estranha sensação de esperança que as primeiras palavras provocaram em si:

Que criatura é o homem. Incomparável na razão, infinito nas suas faculdades. Que necessidade tem de anjos, que se movem e sentem como só os anjos podem? Que necessidade tem de Deus, que guarda dentro de si o poder de penetrar nos mistérios mais profundos? Como é perfeita a beleza do mundo; como é efêmero e temeroso o terror dos seus companheiros. O homem é pó, feito a partir dos quatro elementos da terra, do ar, do fogo e da água, animado pelo quinto elemento, a sua quintessência...

Estava na altura de voltar para casa e para a cama. Encaminhando-se para as escadas, Durant alisou a parte da frente do gibão preto, uma requintada peça feita com tecido holandês mas que já tinha o colarinho e os punhos puídos. Laure teria de aplicar mais uma camada de graxa das botas. Com sorte, também a filha estaria de regresso a casa. Teriam ambos uma boa noite de sono e, no dia seguinte, Durant tentaria mais uma vez fazer as pazes com ela. Como podia não o fazer, depois de passar oito anos à sua procura e de a ter encontrado finalmente como por milagre?

Durant virou-se ao ouvir um ruído no meio da escuridão. A dor despontou repentinamente – era uma rosa vermelho-sangue – quando uma pedra colidiu contra o lado da sua cabeça. Teve apenas tempo para ver um braço a desaparecer nas sombras, nós dos dedos brancos, terra por baixo das unhas retorcidas. A imagem desvaneceu-se à medida que os ossos de Durant se tornaram em água. O corpo atingiu o chão com um baque surdo e a sua consciência derramou-se por entre as frinchas das pedras gastas do chão.